

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JORNAL DO CAMPUS

CLASS. : 1501

DATA : 27/04/89

PG. : CAPA



**Cultura
Guarani
resiste
na capital**

Guarani convive com "civilização"

Três aldeias representam a nação Guarani, na capital. Os índios da Aldeia do Morro da Saudade em Parelheiros, conscientes da destruição que sofreram da sociedade "civilizada", lutam para preservar a sua cultura.

Poucos sabem, mas em São Paulo, cidade que abriga gente de todas as raças, há espaço para os índios. Apesar do peso do progresso na capital, três aldeias da nação Guarani resistem com sua cultura milenar. Junto com seus parentes do litoral paulista, os Guarani conquistaram em 1987 a homologação da demarcação de suas áreas, que estavam ameaçadas por "grileiros" e pretensos proprietários. O centro da resistência guarani está na Aldeia do Morro da Saudade, localizada em Parelheiros, extremo-sul da capital, próxima à Represa Billings. Os índios desta aldeia nunca quiseram a "ajuda" da Funai (Fundação Nacional do Índio) no processo de demarcação das terras, nem aceitam a instalação de um posto desta instituição na sua área. Com o financiamento de uma entidade alemã e de uma organização indígena canadense, pretendem instalar a partir deste ano um Centro de Cultura Indígena Guarani, onde será registrada a história desta nação.

No centro, os Guarani terão a sua própria escola, com ensino bilingue (português e guarani), que atenderá às necessidades da nação. "É perigoso índio frequentar a escola do branco, um passo para o extermínio", diz Antonio Carlos Kirai-Mirim, membro da aldeia e professor de OSPB, História e Geografia em escola estadual. Ele fez o curso de História na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, a fim de ensinar a "verdadeira história." "Por sorte consegui escapar de perder meu povo". Kirai-Mirim faz parte do grupo de luta da aldeia, que tem a função de conscientizar o índio desde criança a preservar a cultura guarani, não frequentando a escola do branco e evitando a miscigenação. Para alguns índios, abrem uma exceção a fim de frequentarem as escolas como uma estratégia de luta, utilizando-as como armas contra a investida genocida da sociedade nacional.

"Combatemos a mistura do índio com o branco por precaução, por uma questão de sobrevivência, não por racismo", diz Kirai-Mirim. A seu ver, os Guarani temem que os casamentos miscigenados coloquem em risco a sua sobrevivência enquanto povo, já que são poucos. Além dos casamentos entre os índios da aldeia, os Guarani do Morro da Saudade, pertencentes ao subgrupo Nhandeva, casam com seus parentes do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Nhandeva, segundo o professor Egon



Fotos: Felipe Satoru Miura

Na comunidade, todos se reúnem para comer e rezar.

Schaden, estudioso da cultura guarani, que dizer "o que somos nós; os que são dos nossos".

Andarilhos

"Nós não vemos a terra como propriedade privada. Não somos donos dos rios, mares, lagos e terras. Nosso pai cósmico deu a terra para a evolução humana." Este conceito de propriedade, como se vê, entra em choque frontal com os pilares da nossa sociedade. Originalmente, os Guarani não se restringem a se fixar numa determinada área. O seu território é bem maior do que os limites da aldeia. No entanto, a sociedade nacional obrigou os Guarani a estabelecerem suas aldeias em determinadas áreas demarcadas, pois suas terras eram comercializadas e roubadas. "Mesmo assim, continuamos transitando livremente entre as nossas aldeias. É comum um parente de uma aldeia visitar ou mesmo morar em outra aldeia guarani", diz Kirai-Mirim.

Um dos advogados dos Guarani, Marco Antonio Barbosa, que trabalha na Secretaria Estadual do Meio Ambiente, afirma que é feito um trabalho na secretaria a fim de que as pessoas compreendam a Serra do Mar como área de trânsito dos índios. "Já em 1901, o padre Benedito Calixto falava da existência de índios em Parelheiros e do trânsito dos Guarani entre o litoral e o Planalto", afirma

Barbosa. Segundo ele, a homologação das áreas Guarani demarcadas foi uma conquista inédita dos índios. Os próprios índios moveram a ação de demarcação, sem a intermediação da Funai e em nome da comunidade.

Sobrevivência

Cerca de 200 índios, a maioria crianças, vivem na Aldeia do Morro da Saudade, em casas de pau-a-pique, sem cômodos, cobertas de palha. Para a sobrevivência, cada família tem a sua plantação de mandioca, milho, cana-de-açúcar, inhame ou chuchu. Às vezes, há uma plantação comunitária em que os resultados da colheita são repartidos entre todos. Além disso, vendem artesanato e palmito. Mas estas atividades não bastam para garantir a sobrevivência deles. E para piorar a situação, vários índios têm seu palmito apreendido por homens que se dizem florestais ou seguranças da Fepasa. Já chegaram a deixar índios nus, após pegarem o palmito. Kirai-Mirim diz que o palmito é roubado do índio sem que os homens apresentem um documento de apreensão da Secretaria do Meio Ambiente.

Outras aldeias

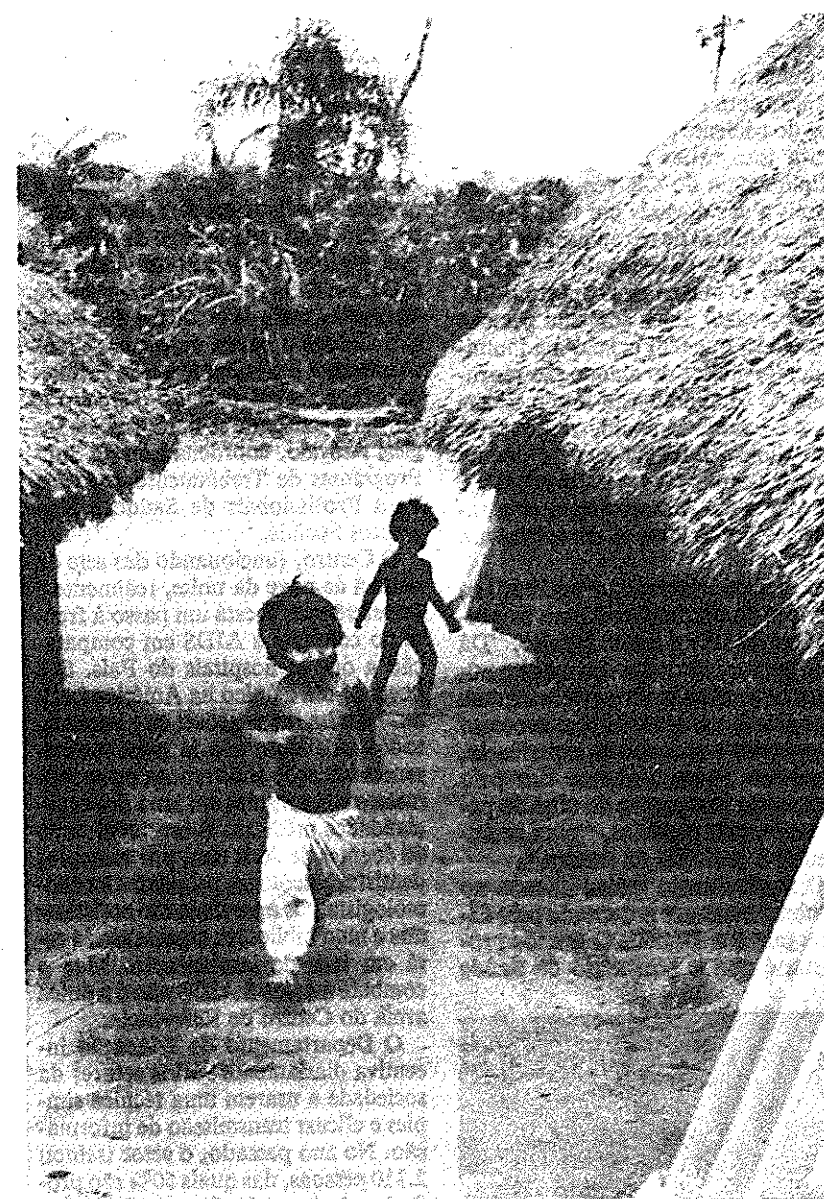
Próxima à Aldeia do Morro da Saudade e às margens da Represa Billings, encontra-se a Aldeia do Krukutu. Ela foi formada há cinco anos

com a saída do então cacique Nivaldo Kwaray do Morro da Saudade. Atualmente, moram lá cinco famílias, cerca de vinte pessoas. Com o rosto triste, Nivaldo Kwaray reclama da falta de ajuda: "Se a gente tivesse semente e material, os homens não precisavam trabalhar na lavoura do japonês".

No outro lado da cidade, encontra-se a Aldeia do Jaraguá, localizada no sopé do morro, início da estrada que leva ao pico. O patriarca da comunidade de 22 pessoas é Joaquim Quaray, que está neste local desde 1956. Na aldeia, só falam o guarani e a esposa Jandira e Isac, um dos seis filhos. Alguns de seus filhos trabalham ou estudam com os brancos e não há uma Casa da Reza.

Há cerca de oitenta anos esta pequena comunidade deixou o Rio Grande do Sul. Quarenta índios portando o medalhão do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) deixaram a região de Bagé e viajaram a pé e de trem até Sorocaba, onde Quaray se separou do grupo que rumou para Itanhaém. Depois de algumas passagens pelo interior paulista, ele teve uma casa em Cidade Dutra, na capital, antes de se mudar para o morro do Jaraguá.

Felipe Satoru Miura
José Alberto Gonçalves Pereira



Não é preciso morrer para estar com os ancestrais

Desde antes da colonização portuguesa, grupos de índios Guarani abandonavam suas aldeias e migravam para o leste, em direção ao sol nascente. Além do mar, estaria a Terra-sem-Males, onde há frutos em abundância e as flechas caçam sozinho. Para os Guarani, é necessário chegar lá, porque o mundo será destruído novamente, como no dilúvio. Na Terra-sem-Males, a vida é livre, sem regras, e não há a morte. Para alcançar este paraíso terrestre, moradia dos ancestrais, é preciso muita dança e pouca comida, pois o corpo deve estar leve a fim de voar até lá.

No centro da Aldeia do Morro da Saudade existe uma casa grande, a Casa da Reza. Todos os dias, durante a noite, os Guarani fazem uma cerimônia. A idéia de alma é um dos principais aspectos do mundo religioso guarani. Eles crêem na reencarnação e, em qualquer momento, pode-se entrar em contato com o sobrenatural, através da reza, individualmente. Uma cerimônia importante é o batizado das crianças, quando se reúnem parentes de várias aldeias, com muita música e dança. (Fonte: Suplemento n.º 2 do Jornal Porantim)